

SE TOCA: DISCUTINDO SEXUALIDADE NAS ESCOLAS

MARIANA DA COSTA CASTRO¹; ANA LAURA SICA CRUZEIRO SZORTYKA²

¹Universidade Federal de Pelotas – marianadacastro@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas - alcruzeiro@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A adolescência é o período da vida que se estende dos 10 aos 19 anos (OMS, 1995). O Art. 2.º do Estatuto da Criança e do Adolescente considera adolescente aquele que tem entre 12 e 18 anos de idade (ECA, 1990). A adolescência é um fenômeno singular para cada pessoa, que caracteriza a reformulação constante do social, sexual e de gênero, vocacional e ideológico, além da influência sociocultural (BRASIL, 2005). Assim, as experiências sexuais, formações de pares e a construção da identidade se revelam, a partir das várias mudanças físicas, psicológicas e sociais que ocorrem nessa fase da vida e, junto a isso, vem as dúvidas e os riscos.

A Pesquisa Nacional de Saúde Escolar (PeNSE) de 2015, constatou que na faixa etária de 13 a 15 anos 27,0% já tiveram a iniciação sexual, enquanto que, no grupo de 16 a 17 anos, o percentual era de 54,7%; de acordo com o sexo, os meninos de 13 a 15 anos, 34,5% já tiveram relação sexual, em relação a 19,3% das meninas; na faixa de 16 a 17 anos, 59,9% dos meninos já haviam praticado sexo alguma vez, e as meninas 49,7%; na análise por grupo de idade, os escolares de 13 a 15 anos que já tinham dado início a vida sexual, 59,7% fizeram uso de preservativo na primeira relação, contra 68,2% do grupo de 16 a 17 anos; no que diz respeito aos métodos contraceptivos e de prevenção de infecções, indica que 69,5% do grupo de 16 a 17 anos usaram algum método, contra 59,6% dos mais jovens (IBGE, 2016).

Apesar dos jovens terem conhecimentos sobre a AIDS, eles ainda possuem dúvidas sobre como se prevenir, porém o alto nível de preocupação com a doença não se reflete nas práticas de prevenção, demonstrando baixos níveis de mudança no comportamento de risco (BRASIL, 2005). Com isso, é perceptível que parte dos adolescentes escolares não se protegem contra Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) ou gravidez indesejada, surgindo então uma necessidade de levar informações sobre os riscos de manter relações sexuais desprotegidas e as possibilidades de métodos contraceptivos e preservativos, também, informar sobre os vários tipos de IST existentes e como evitá-las, assim como impedir uma gravidez indesejada, informando sobre prevenção e promoção da saúde, trazendo benefícios sociais, físicos e psicológicos para esses adolescentes.

Além disso, a necessidade das pessoas LGBTTQIA+, como lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, transgêneros/travestis, queers, intersexuais, assexuais e qualquer outro sujeito desta diversidade que se apresenta, de terem seus direitos preservados, torna a escola um meio muito importante de debater sobre esses movimentos sociais e, portanto, ajudar no combate ao preconceito, possibilitando novas formas de ver a existência das diversidades e respeitá-las. A escola, fundamental para a promoção da igualdade e o respeito às diversidades, deve estar presente para que se consiga cumprir essa função e se isso não ocorrer, se instaura a discriminação e a exclusão das diferenças (ALTMANN, 2013).

Dessa forma, o projeto busca levar informações que contribuam para o desenvolvimento e passagem segura pela adolescência, de forma a buscar mudar comportamentos sexuais arriscados, além de contribuir para minimizar os efeitos maléficos da discriminação das diferenças sexuais e de gênero dentro das escolas, promovendo um maior entendimento desses adolescentes em relação a sua sexualidade, ao autoconhecimento e a diversidade.

2. METODOLOGIA

O projeto foi realizado através de encontros semanais para discussão dos temas relevantes abordados nas escolas e proporcionou a discussão com os jovens, anteriormente a pandemia de COVID-19. A confecção do material digital em powerpoint para auxiliar na explicação dos assuntos apresentados aos escolares foi produzida pelas alunas do projeto em encontros presenciais.

A intervenção foi dividida em duas partes: a primeira turma foi do sexto ano do Ensino Fundamental com alunos que variam de 12 a 17 anos da escola Jeremias Froes e a segunda escola foram duas turmas do terceiro ano do Ensino Médio da Escola Estadual Cel. Pedro Osório que possuíam entre 16 e 21 anos.

Em cada turma houve a realização de 4 encontros. O primeiro encontro consistia em apresentar e explicar sobre ciclo menstrual, anatomia feminina e masculina, puberdade, orientação sexual e de gênero e consentimento. O segundo encontro ensinava sobre os métodos contraceptivos existentes e como utilizar os preservativos feminino e masculino. No terceiro encontro foram apresentados temas sobre as Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), suas formas de transmissão e higiene pessoal. O quarto era composto por um quiz com os assuntos abordados nos encontros anteriores.

Se, nos três primeiros encontros, o aluno não se sentisse a vontade de perguntar e se expor, entregamos um papel em branco para todos, caso alguém quisesse fazer uma pergunta sem se identificar. Analisamos todas as questões escritas nas reuniões semanais com a orientadora e respondemos na semana seguinte para toda a turma, de modo a não constranger quem fez a pergunta e possibilitando sanar dúvidas que poderiam ser de outros adolescentes.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao chegar nas duas turmas do terceiro ano do ensino médio, era notável o estranhamento dos adolescentes em relação ao que iria ser falado nos encontros. Anteriormente, foi repassado para todos que iríamos substituir algumas das aulas para falar sobre sexualidade, mas como eles falaram para nós, nunca tinham tido contato com esta temática ao longo da vida escolar. Portanto, antes mesmo de começar a abordar os assuntos, visualizei a necessidade e a importância de estarmos ali. Com isso, ao longo do primeiro encontro, eles estavam dispostos a aprender sobre os temas abordados e demonstravam interesse no debate de um assunto tão importante, mas que eles ainda não tinham entrado em contato na escola. Assim, os encontros seguintes também foram muito enriquecedores, tanto para o projeto, como para eles, que saíram dessa experiência com dúvidas respondidas e com informações para poder cuidar da saúde e entender mais sobre a amplitude que o assunto sexualidade abrange e impacta na vida pessoal e no social.

Diferentemente, os alunos do sexto ano, que demonstravam curiosidade pelo assunto que estávamos levando até eles, eram dispersos ou agitados e costumavam brincar com a temática, principalmente os meninos. Porém, era perceptível que mesmo não fixando tanto nos assuntos das aulas, os encontros ajudavam a tirar algumas dúvidas que eles tinham e, o encontro final, proporcionou um momento de descontração com toda a turma, pois eles competiam entre grupos no quiz para saber quem acerta mais questões sobre os temas abordados nos encontros anteriores. O que proporcionou, também, maiores informações, pois se havia alguma dúvida quanto a resposta certa das perguntas feitas no quiz, em cada rodada de perguntas, dávamos uma explicação sobre todas as questões e o porquê delas estarem certas ou erradas.

4. CONCLUSÕES

Visto que a educação sexual nas escolas brasileiras é deficitária, ou muitas vezes inexistente, o projeto leva ao ambiente escolar assuntos de suma importância para o desenvolvimento dos adolescentes e jovens, pois busca informar sobre conteúdos como o uso de preservativos e métodos contraceptivos, Infecção Sexualmente Transmissíveis (IST), gravidez indesejada, orientação sexual e de gênero, consentimento, comportamento de risco, anatomia sexual feminina e masculina, ciclo menstrual, puberdade e higiene pessoal aos escolares. Além disso, há uma necessidade de levar formação aos professores sobre o assunto sexualidade e educação sexual, para poder instruir os adolescentes e jovens escolares a se relacionar da forma mais saudável possível, passando por essa fase do desenvolvimento exercendo seu direito à informação e saúde. A escola é um recurso de ajuda para familiares, professores e alunos para entenderem sobre educação sexual, assim, os profissionais de saúde são aliados aos professores para capacitar e conscientizar sobre esse assunto (MOIZÉS; BUENO, 2010).

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTMANN, Helena. Diversidade sexual e educação: desafios para a formação docente. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, Rio de Janeiro, v. n. 13, p. 1-14, 2013.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 – **Estatuto da Criança e do Adolescente** (ECA).

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Área de Saúde do Adolescente e do Jovem. **Marco legal: saúde, um direito de adolescentes** / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Área de Saúde do Adolescente e do Jovem. – Brasília : Ministério da Saúde, 2005. 60 p.: il. – (Série A. Normas e Manuais Técnicos).

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar**, 2015. Rio de Janeiro: IBGE, 2016.

MOIZÉS, Julieta Seixas; BUENO, Sonia Maria Villela. Compreensão sobre sexualidade e sexo nas escolas segundo professores do ensino fundamental. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 44, n.1, p. 1-8, 2010.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **La Salud de los jóvenes: un reto y una esperanza**. Ginebra: OMS, 1995. Disponível em: <<https://apps.who.int/iris/handle/10665/37632>>. Acesso em: 4 de julho 2021.